

O CONTEXTO DE PÓS-VERDADE E A DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS

Jadeilson Cruz Ribeiro¹

Patrícia Rakel de Castro Sena²

RESUMO

Este artigo buscar refletir sobre o contexto de pós-verdade e como a noção de verdade perde importância e se torna secundária nas relações interpessoais contemporâneas. Nesse sentido, bibliograficamente, debate-se sobre a produção de informações falsas, principalmente através das redes sociais digitais e as consequências disso à sociedade. A pós-verdade é um fenômeno que se caracteriza principalmente pela preponderância do falso sobre o verdadeiro. Nesse sentido, o que é levado em consideração não é a verdade dos fatos, mas as opiniões e crenças daqueles que pretendem sobrepor a qualquer custo suas ideologias sobre a dos outros. Esse fenômeno se tornou mais evidente a partir de 2016 e se consolidou devido à expansão e abrangência da internet.

Palavras-chave: Verdade. Informações falsas. Pós-verdade.

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the post-truth context and how the notion of truth loses importance and becomes secondary in contemporary interpersonal relationships. In this sense, bibliographically, it discusses the production of false information, mainly through digital social networks and the consequences of this to society. The post-truth is a phenomenon that is characterized mainly by the preponderance of the false over the true. In this sense, what is taken into consideration is not the truth of the facts, but the opinions and beliefs of those who intend to superimpose their ideologies over others at any cost. This phenomenon has become more evident since 2016 and has been consolidated due to the expansion and pervasiveness of the Internet.

Keywords: True. False information. Post-truth.

¹Graduando em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA; E-mail: jadeilson.cruz@discente.ufma.br

² Orientadora. Doutora em Comunicação (UFPE). Docente de Jornalismo (UFMA) e vice coordenadora do PPGCOMPro – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMA. E-mail: patricia.rakel@ufma.br.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma tentativa de resposta reflexiva à pergunta: *Como o contexto de pós-verdade fortalece (e é fortalecido pela) a propagação de informações falsas e as torna fenômeno comum no convívio entre pessoas?* A inquietação é fruto de uma longa observação sobre o fenômeno da pós-verdade. No decorrer do tempo, percebeu-se que muitos indivíduos não checam devidamente uma informação antes de passá-la adiante, tanto no ambiente como offline. Desse modo, informações falsas são compartilhadas como se fossem verdade.

O tema *pós-verdade* está em voga no mundo inteiro. Com o compartilhamento e a proliferação de informações falsas através das mídias digitais, principalmente das “plataformas de redes sociais”, a verdade está perdendo importância e se tornando algo secundário, conforme prevê Santaella (2019, p. 47): “a verdade já não é mais falseada ou contestada; torna-se secundária. Isso nos legaria uma contemporaneidade de desvalorização da noção de verdade fatural e a supervalorização das crenças e das ideologias. Nesse sentido, a questão relevante não está no objeto, mas no sujeito. É a subjetividade triunfando sobre a objetividade (DUNKER, 2017).

Assim, a pós-verdade se apresenta para nós como um contexto social, uma era de tensionamento sobre verdades objetivadas que moldam comportamentos e crenças, ao mesmo tempo que tais verdades são reestruturadas por estas últimas.

Desde 2016, como relata D’Ancona (2018), com a vitória de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos da América e com o Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia), a palavra pós-verdade ganhou destaque no mundo inteiro, sendo escolhida a palavra do ano, em 2016, pelo Dicionário Oxford. Somam-se a isso, o crescente número de utilizadores das mídias digitais que monetizam e ampliam o compartilhamento e disseminação de informações falsas, fragilizando ainda mais a noção de verdade.

Assim considerado, este artigo tecerá uma reflexão teórico-bibliográfica a respeito da verdade, pós-verdade e da propagação da desinformação como sinais norteadores das relações sociais contemporâneas. Ele está, portanto, organizado em três tópicos principais que vão tentar refletir sobre a importância da verdade para a convivência humana; os perigos e consequências da disseminação de informações falsas e secundarização da verdade; e a pós-verdade propriamente dita enquanto

contexto. E assim, de uma forma geral, buscar-se-á compreender como a pós-verdade pode trazer consequências desestabilizadoras para a humanidade.

2 A IMPORTÂNCIA DA VERDADE PARA A CONVIVÊNCIA HUMANA

Em uma sociedade civil organizada a verdade deveria nortear as ações dos indivíduos. De acordo com Johannes Hessen (2003, p. 119), “quando descrevemos o fenômeno do conhecimento, constatamos que, para a consciência natural, a verdade do conhecimento consiste na concordância do conteúdo do pensamento com o objeto”. O autor se refere à verdade fatural. Nesse sentido, quando alguém distorce os fatos em prol de alguma ideologia, comete um atentado contra a verdade. Assim, uma versão em que o conteúdo do pensamento discorda do objeto, é uma informação falsa.

Dessa forma, quando a mentira e a desonestidade preponderam nas relações humanas, a impressão é que se vive imerso na falsidade. É como se as pessoas estivessem presas em uma caverna e só conseguissem perceber vultos e sombras, com a licença poética ao Mito da Caverna de Platão. É interessante observar como Platão (2004, p. 229), faz referência à educação, a partir de um diálogo entre Sócrates e Glauco, enquanto dimensão a ser construída e questionada pelo indivíduo para que sua evolução ocorra. Assim, seria necessário que as pessoas tomassem consciência do quanto é importante a aquisição do conhecimento, através da educação, para a superação das opiniões e crenças das como certas e imutáveis pela sociedade. Quanto mais o homem se educaria, mais deixaria as sombras e caminharia para a luz.

A superação da ignorância seria, portanto, um processo. Nesse sentido, a educação é fator primordial para que se alcance o conhecimento verdadeiro e seguro. Isso só possível quando as pessoas se dispõem a pesquisar, averiguar, testar e checar conscientemente as informações disponíveis, conforme prevê D’Ancona:

A sobrecarga de informações significa que todos nós devemos nos tornar editores: filtrar, checar e avaliar o que lemos. Da mesma forma que crianças são ensinadas a como entender textos impressos, suas faculdades críticas devem ser treinadas para enfrentar os desafios muito diferentes de um feed digital (D’ANCONA, 2018, p. 101).

Além disso, é necessário que o indivíduo tenha consciência da importância do conhecimento para a evolução da humanidade e para o aprimoramento das ações humanas. Também é fundamental que ele seja honesto.

A honestidade e o conhecimento são importantes porque impedem o indivíduo humano de criar, compartilhar e/ou divulgar informações falsas. Dessa maneira, ao receber uma desinformação via WhatsApp, uma pessoa veraz e honesta jamais a passará adiante, ainda que seja referente a uma ideologia contrária à sua.

O indivíduo que tem consciência da importância da verdade para o convívio humano, jamais maquia a realidade e/ou vive em um mundo de aparências. Para um sujeito consciente e honesto, viver em um mundo justo e verdadeiro é a meta a ser alcançada. Assim, a vida ideal é aquela em que as pessoas são conscientes e honestas.

Quando em determinada sociedade muitas pessoas emitem opiniões sem os devidos critérios de legitimidade, isso significa a sobreposição da mentira sobre a verdade. Por isso, é importante observar que, às vezes, o que se propaga por liberdade de opinião “é uma farsa, a não ser que a informação fatural seja garantida e que os próprios fatos não sejam questionados” (ARENDR, 2016, p. 295). Nesse sentido, não há como um sujeito consciente coadunar com preconceito (a ideia pré-concebida) e discriminação, e arrogar para isto o sentido de verdade. Assim, nem toda opinião deve ser respeitada e aceita. Jamais se deve tolerar aqueles que propagam ideias supremacistas e criminosas, por exemplo. O racismo, o ódio, a intolerância religiosa, a perseguição à ciência e qualquer outro tipo de anomalia social não podem prosperar no convívio humano, sob o risco de colocar em xeque a própria existência humana.

Ideias de exaltação a sistemas totalitários como Fascismo e Nazismo não podem ser consideradas normais. Também, em um país democrático, não se pode aceitar ataques que visem à destruição da democracia. O regime democrático assegura liberdade de opinião aos cidadãos, mas àqueles que atentam contra os poderes constituídos democraticamente devem ser punidos de acordo com as leis vigentes.

A liberdade de expressão é primordial e indispensável em uma democracia. Mas é importante realçar que ser livre não significa fazer tudo que quiser. As regras, as normas e as leis devem ser cumpridas e respeitadas. Quando algumas pessoas atacam as instituições democraticamente constituídas, devem ser punidas no rigor da lei.

Em uma democracia, a verdade sempre deve ser evidente. Quando ocorre o contrário, tudo tende ao obscurantismo: “a veracidade subjaz não apenas as

reputações individuais, mas à saúde da sociedade como um todo” (KEYES, 2018, p. 38). Nesse sentido, quando a honestidade é relativizada, o fracasso social é inevitável. Desse modo, viver em um mundo dominado pela mentira, é como navegar em um mar de incertezas.

Nos regimes democráticos, a falta de transparência de alguns políticos contribui para o descrédito da verdade e a preponderância da desconfiança, que é um terreno fértil para a disseminação de mentiras. Muitos oportunistas se aproveitam da indignação dos cidadãos com a classe política para fabricar, disseminar e lucrar com as informações falsas. Dessa forma, atacando a democracia e a colocando sob suspeita. Sobre a relação dos políticos com a verdade é interessante analisar o que diz Hannah Arendt:

Jamais alguém pôs em dúvida que a verdade e a política não se dão muito bem uma com a outra, e até hoje ninguém, que eu saiba, incluiu entre as virtudes políticas a sinceridade. Sempre se consideram as mentiras como ferramentas necessárias e justificáveis ao ofício não só do político ou do demagogo, como também do estadista (ARENDR, 2016, p. 282-283).

De acordo com Arendt (2016), os políticos não são muito confiáveis e utilizam artimanhas para enganar os cidadãos e se manterem no poder. Assim sendo, ao longo do tempo, os indivíduos perdem a confiança na classe política e começam a desconfiar até mesmo daquilo que é verdadeiro. Nos países democráticos, a desonestidade de alguns políticos põe em risco não apenas a democracia, mas a sociedade como um todo. Viver na incerteza é como caminhar sem perspectivas de um futuro digno e justo para todos.

Diante de tanta incerteza, é necessário defender de maneira firme e forte a verdade. Não há como viver de modo saudável em um mundo desonesto. Por isso, deve-se sempre rechaçar os mentirosos, sejam políticos ou não. Primar pela veracidade é um dever de todo cidadão consciente e honesto. Pois, só assim é possível vislumbrar um futuro mais justo.

3 INFORMAÇÕES FALSAS E SECUNDARIZAÇÃO DA VERDADE

Nos dias atuais, é muito comum a circulação da expressão “fake news” no fazer cotidiano mais ordinário dos brasileiros. A abordagem desse tema é, em certa medida, naturalizada no noticiário da tevê, do rádio, dos impressos e, especialmente, nos

conteúdos da Internet. Especificamente, aparece corriqueiramente nas mídias digitais e nas rodas de conversas entre amigos (on e offline).

É importante salientar que a expressão *fake news* (notícia falsa) é problemática, principalmente em jornalismo. Isso porque

em qualquer manual da área você aprende que apurar e checar os fatos são etapas básicas do processo de produção do conteúdo informativo. Daí, considerando que a notícia é o produto final deste processo, como podemos ter uma *fake news*, quando para produzir a notícia eu, profissional do jornalismo, preciso garantir que ela não é falsa? (SANTOS, 2020, on-line).

A colocação do professor Márcio Carneiro dos Santos (2020) é importante para que se reflita sobre o termo adequado para se referir àquilo que corriqueiramente os indivíduos humanos denominam "*fake news*". Nesse sentido, entende-se que o mais adequado é chamar esse fenômeno de desinformação ou informação falsa.

Santos (2020) é bastante enfático ao afirmar que as chamadas "*fake news*" se encontram tanto no campo do jornalismo como do não jornalismo. No campo jornalístico, o autor considera a falha na apuração dos fatos como algo que possui um fundo de verdade, ou seja, é um erro que pode ser corrigido; já o jornalismo *fake* é algo totalmente inventado (falso). No ambiente do não jornalismo, ele salienta que a paródia, o humor e a gozação podem ser considerados como algo que remete à verdade, apesar da descontextualização ou distorção dos fatos; nesse campo o que mais preocupa são: a indústria da "*fake news*" e a guerrilha social.

Temos a categoria de FAKE NEWS mais perigosa e merecedora do uso do termo: a produção deliberada de conteúdo falso, de desinformação, com o intuito de servir a uma agenda específica, que pode ser política, econômica, xenofóbica, racista, homofóbica ou qualquer outra variante, tão nociva quanto (SANTOS, 2020, on-line).

Assim sendo, compreende-se que as chamadas "*fake news*" estão em todos os âmbitos da vida social. Qualquer indivíduo desinformado e não prudente racionalmente é um vetor altamente potencial de propagação de informações falsas. Santos (2020) deixa claro que a produção e disseminação de "*fake news*" pode ser muito além do que uma singela brincadeira ou uma coisa desinteressada, é algo que pode afetar de maneira profunda e negativa a vida de indivíduos ou o futuro de Estados democraticamente constituídos.

As informações falsas não são um fenômeno recente. O que as torna virulentas e perigosas é o modo como são propagadas na atualidade.

Apesar de estarem entrelaçadas à história da humanidade, as fake news ganharam uma proporção maior nos dias atuais no ambiente digital. Isso porque a partir da internet uma mentira pode, rapidamente, e a um custo muito baixo, espalhar-se e alcançar dimensões inimagináveis (BITTENCOURT; ALEXANDRE, 2018, p. 138).

As autoras afirmam que o ambiente digital potencializa a desinformação. Nesse sentido, a rapidez com que as informações falsas se propagam é preocupante e pode causar prejuízos à sociedade. Por isso, a necessidade da checagem da informação o mais rápido possível, para alertar as pessoas sobre a veracidade ou falsidade dos fatos.

As informações falsas se popularizaram como “*fake news*” porque são repassadas como se fossem notícias. “De maneira geral, *fake news* significa notícias falsas, histórias inventadas para parecerem jornalismo crível, e amplamente difundidas com a intenção de influenciar o público-alvo, e fazer com que este divulgue a mensagem” (CARNIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 325-326). Assim, aquele que produz a informação falsa como se fosse notícia, sabe que muitos utilizadores das mídias digitais vão passá-la adiante como se fosse verdade. Dessa forma, nos grupos de WhatsApp, Telegram e demais aplicativos de trocas de mensagens instantâneas, muitas “*fake news*” são compartilhadas por pessoas que acreditam cabalmente na veracidade daquilo que postam e compartilham. Por outro lado, em muitos casos, o compartilhamento se dá, não pelo cidadão comum, mas pelo sujeito que sabe que está espalhando uma mentira e o faz mesmo assim para obter vantagens eleitoreiras, políticas, ideológicas e comerciais. Dificilmente um grupo em que todos podem fazer postagens escapa da propagação da “*fake news*”.

É fundamental e necessário as pessoas entenderem que esse tipo de propagabilidade pode causar instabilidade social. Assim sendo, é impossível viver seguro em uma sociedade imersa na falsidade. Não há como se expressar de maneira segura em um Estado infectado pela mentira.

Fake news alteram a forma como a realidade é percebida, formam discussões públicas, afetam a imagem das instituições e das organizações, e colocam ameaças à segurança nacional. As *fake news* transformaram-se na grande vulnerabilidade do nosso tempo. Especialistas acreditam que uma das maneiras de se combater *fake news* é desenvolver habilidades de pensamento crítico, especialmente adaptadas para identificar esse tipo de notícia e para produzir o seu impacto sobre as crenças e os valores pessoais (CARNIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 325).

Compreende-se que esse perigo denominado “*fake news*” pode ser superado com o pensamento crítico. Assim, é necessário que as pessoas deixem suas crenças e opiniões em segundo plano e priorizem a razão (ação justificável e coerente). O melhor remédio para esse vírus é a primazia da racionalidade.

É importante ressaltar que nem sempre a informação falsa é compartilhada e disseminada de maneira inconsciente, às vezes o indivíduo sabe perfeitamente o que está compartilhando e propagando, e também os danos que isso pode causar. Canielli e Epstein (2019) usam o termo “desordem informativa” para se referir àqueles que compartilham a “*fake news*” conscientemente com o intuito de causar danos.

Sobre o que já foi escrito, é interessante observar o seguinte:

Notícias falsas costumam ser definidas como notícias, histórias, boatos, fofocas e rumores que são deliberadamente criadas para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos (SANTAELLA, 2019, p. 29).

Percebe-se que, quando diz respeito às informações falsas, Santaella (2019) e Canielli e Epstein (2019) apontam na mesma direção. Nesse sentido, para eles, as “*fake news*” são uma ameaça para a sociedade, pois têm a intenção de desestabilizar a ordem vigente.

As histórias criadas com a intenção de influenciar pessoas e estabelecer o caos é uma estratégia usada por indivíduos que querem atingir aqueles que coadunam das mesmas crenças e ideologias. Para os produtores de “*fake news*”, o quanto mais desordem houver, maiores as chances de os objetivos serem alcançados. Mesmo aqueles que não acreditam no que é postado e compartilhado, sofrem impactos do conteúdo falso. Dessa maneira, a intenção é atingir um grande número de pessoas, para que assim o caos social seja instalado.

Nos grupos de WhatsApp e Telegram, por exemplo, é comum o embate entre os que são contra (e pedem a regulação das plataformas sociais digitais) e os que são a favor do compartilhamento de “*fake news*” (sob a égide de que são a favor da liberdade de expressão e de opinião; como se isso fosse a mesma equação válida para a disseminação de desinformação e discurso de ódio, por exemplo).

O que os fanáticos das “redes sociais” não compreendem é que opinião não é argumento e, por vezes, pode ser crime. Cada indivíduo tem direito à própria opinião? “É claro que tem. Mas a questão é que as crenças e opiniões não tomam o lugar da

argumentação. Crenças e opiniões simplesmente não são argumentos” (CANIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 327). Assim sendo, qualquer pessoa pode dar opiniões, desde que não criminosas, sobre qualquer assunto, o que não pode ser levado a sério é a questão da transformação da opinião em argumentação.

Nesse sentido, a veracidade dos fatos, em hipótese alguma, deve ser preterida, sempre deve ser preponderante.

Um fato é algo que pode ser provado ser verdadeiro. Por exemplo, é um fato que as células do corpo humano têm 23 pares de cromossomos. Esse fato pode ser provado pela biologia, embora se pensasse antes que haveria 24 pares. Eu nunca vi um cromossomo, mas sei que isso é um fato pela consulta a fontes aceitas como confiáveis pela comunidade científica. É por isso que “fatos alternativos” e “factoides” simplesmente não podem existir, são absurdos (CANIELLI; EPSTEIN, 2019, p. 227-228).

Assim, fato é muito diferente de opinião. A opinião é fruto das crenças que o indivíduo carrega em si mesmo; já o fato é algo que existe independentemente da vontade de alguém, é algo que está fora do sujeito. Nesse sentido, o argumento é construído a partir dos fatos.

Argumentar é uma construção no âmbito das ideias. Assim, o argumento é um encadeamento lógico que explica algo a partir de fatos verdadeiros. Quando um indivíduo é convencido por outro através da argumentação, eles passam a ter pensamentos parecidos sobre a questão discutida. Desse modo, é impossível a opinião substituir o fato.

Ter direito de opinar sobre algo é totalmente diferente de ter direito de impor ou criar os próprios fatos. Dessa maneira, na propagação de informações na internet ou em qualquer outro lugar é extremamente importante a checagem dos fatos e a procedência do que é passado adiante. Mesmo na emissão de uma opinião, quando o assunto tem um viés subjetivo, é necessário e indispensável que o indivíduo humano fundamente o que diz. Isso é primordial para o entendimento do assunto e a credibilidade do que é proferido.

4 A ERA DA PÓS-VERDADE

De acordo com Santaella (2019), o termo pós-verdade foi usado pela primeira vez por Steve Tesich, em 1992, na revista *The Nation*, para se referir ao escândalo do Iran e da Guerra do Golfo. E para D’Ancona (2018) foi em 2016 que a era da pós-verdade foi lançada de forma definitiva.

Vive-se na era da pós-verdade. Uma época em que um número significativo de indivíduos não se preocupa com a verdade dos fatos, mas apenas em afirmar e reafirmar as próprias crenças, opiniões e ideologias. Um tempo em que a emoção é mais preponderante do que a razão.

Mesmo e embora sempre tenha havido mentirosos, as mentiras têm geralmente sido contadas com hesitação, uma pitada de ansiedade, um bocado de culpa, um pouco de vergonha, e, pelo menos, alguma timidez. Agora, pessoas inteligentes que somos, apresentamos razões para manipular a verdade, de modo que possamos dissimular sem culpa. Eu chamo isso de pós-verdade. Vivemos em uma era da pós-verdade (KEYES, 2018, p. 20).

Desse modo, na era da pós-verdade, a mentira passa a ser algo comum e corriqueiro. De acordo com Keyes (2018), na atualidade, a dissimulação é uma transgressão sem culpa, muitos indivíduos sentem orgulho de serem desonestos. Nesse sentido, a manipulação de informações em prol de uma causa, ainda que prejudique profundamente alguém ou algo, não fará com que o autor do dano sinta remorso. O mais importante para quem age de maneira perversa e desonesta no atual contexto de pós-verdade é a satisfação e o prazer da sensação de dever cumprido.

Muitas pessoas formam grupos numerosos para questionar teorias científicas e defender as próprias convicções, sem base sólida. Um exemplo disso é a crença na estória da “Terra plana”. Nesse sentido, vive-se em um tempo em que pessoas têm orgulho de serem estúpidas.

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca, a prática da política é percebida como um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo (D'ANCONA, 2018, p. 19).

Na atualidade, como afirmado na citação, tudo tende ao relativismo. Até as coisas que, em outras épocas, pareciam inabaláveis, indubitáveis e inquestionáveis são colocados sob suspeitas e ridicularizadas.

Márcia Tiburi (2017) diz que a pós-verdade provoca a inferiorização da verdade. Nesse sentido, quanto mais o contexto de pós-verdade se torna presente na sociedade, mais aquilo que é verdadeiro se torna secundário e inútil. Assim, a era da pós-verdade é caracterizada principalmente pela corrosão da noção de verdade.

A atual situação sobre a falta de solidez de tudo aquilo que envolve as relações humanas, relembra ensinamentos e diagnósticos anteriores: “Tudo que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens” (MARX; ENGELS, 2010, p. 43). Nesse sentido, os autores estão se referindo ao modo como a burguesia transforma as relações humanas. Para eles, o modo de vida capitalista leva inevitavelmente ao declínio da vida em sociedade. Dessa maneira, a era da pós-verdade é resultado de um processo histórico.

Há muitas diferenças sociais do tempo (1848) em que o *Manifesto Comunista* foi publicado pela primeira vez para os dias atuais, mas talvez a principal delas seja o advento da internet. A internet possibilita que indivíduos geograficamente distantes uns dos outros interajam como se estivessem em uma praça pública, alterando, inclusive as noções do que é visível, coletivo e presente. Desse modo, em comparação a outras épocas, as relações humanas atuais se modificaram rápida e profundamente. Hoje é possível, em questão de minutos, atingir com uma informação (falsa ou verdadeira) um número gigantesco de pessoas espalhadas pelo mundo todo. Só que no ambiente on-line as coisas tendem à falta de rigor muito maior, levando a uma relativização de quase tudo. Assim sendo, levando em consideração o que Marx e Engels (2010) disseram, compreende-se que o contexto de pós-verdade em que se vive atualmente foi gerado pelo modo de vida imposto pela burguesia capitalista ao longo do tempo.

No atual contexto da vida humana, o lado racional de muitos indivíduos dá lugar ao emocional, ou seja, a subjetividade prospera sobre a objetividade. Assim, esses seres humanos não se preocupam em pensar profundamente sobre as coisas, em analisá-las de maneira imparcial (diferente aqui do sentido de neutralidade), em checar os fatos para emitir opiniões e divulgar informações. Para essas pessoas, o certo é o que tem a ver com suas próprias convicções, ainda que não haja dados suficientes para comprová-las. Dessa maneira, na Internet, indivíduos se juntam para propagar ódio e desinformação.

Os grupos horizontais, definidos pela partilha de um traço comum, rapidamente foram substituídos por grupos de guerra, muito mais fáceis de constituir, baseados no ódio contra um inimigo comum. Um fato importante na nova cultura da indiferença e do ódio é que nossas respostas não são exatamente concentradas no que o outro diz, mas no ambiente, no contexto, no que se ajusta bem a paisagem (DUNKER, 2017, p. 31).

No contexto de pós-verdade, tudo é ajustado de acordo com as vontades e interesses de indivíduos e/ou de grupos que tentam impor a qualquer custo ideias que consideram indispensáveis para a vida em sociedade. Assim, esses indivíduos são capazes de qualquer coisa para influenciar a opinião de outras pessoas e conseqüente implantar aquilo a que aspiram. Nesse sentido, propagam o ódio contra tudo e todos que consideram inimigos.

As informações falsas e o discurso de ódio propagados através das “redes sociais” é uma evidência do contexto de pós-verdade vivido atualmente.

“No rol dos discursos prontos, encontramos o discurso fascista, aquele que parte do princípio de negação do outro e alcança a valorização de si por meio da diminuição do outro. É uma astúcia medíocre, uma pequena astúcia do cotidiano, que tem uma razão prática, bem conhecida nas redes. A de capitalizar o sujeito pelo uso de uma verbalidade menos que barata, lavagem feita de restos de porcos, para usar uma metáfora nada elegante” (TIBURI, 2017, p. 106).

De acordo com Márcia Tiburi (2017), o comportamento fascista é altamente danoso à sociedade. Esse comportamento põe em risco as relações interpessoais, pois o fascista se sente poderoso e realizado com a humilhação e diminuição daquele que considera inimigo ou inferior. Assim sendo, a internet contribui para o fortalecimento do discurso de ódio, através da postagem, do compartilhamento e da disseminação de informações falsas, muitas vezes travestidas de discurso de ódio. No ambiente on-line, os agentes da pós-verdade se sentem livres para xingar, humilhar, inferiorizar e espalhar desinformação de maneira desenfreada.

A subjetividade autoritária, aquela que caracteriza o fascista em potencial, se expressa como violência. A violência é o caráter do discurso que ele emite. Ao mesmo tempo, essa violência é fruto de uma intencionalidade esvaziada do pensamento reflexivo, o que faz com que a fala do sujeito fascista não tenha nenhum conteúdo cuja qualidade tenha sido a de ter passado por um crivo, do mesmo modo é esvaziada de sentimentos elaborados e plena de emoções brutas, tais como o medo e o ódio, assim como, por fim, sua capacidade de ação é efeito de obediência a ordens cujos sentido ele é incapaz de questionar (TIBURI, 2017, p. 106-107).

Compreende-se que a subjetividade inerente aos produtores e compartilhadores de desinformação cuja intenção é causar dano a algo, a alguém ou à sociedade é autoritária. O indivíduo usa a violência para atingir o seu alvo. O discurso desse indivíduo não tem relação com a noção de verdade objetiva ou científica, mas com crenças e ideologias que servem para ferir o inimigo em potencial. Assim, esse tipo de gente não se preocupa com a verdade dos fatos nem com o

pensamento crítico e reflexivo que visa à elevação do espírito humano. Ele só se preocupa em reafirmar as próprias opiniões e preconceitos. Nesse sentido, o fascista descrito por Márcia Tiburi (2017) é alguém que tenta causar o caos e a destruição, um indivíduo miserável espiritualmente.

“A pós-verdade é e sempre foi verdadeira. Quer dizer, deve haver uma verdade, aquela dos fatos ocorridos, que as *fake news* estão hoje levando à derrocada, o que legitima a denominação ‘pós-verdade’” (SANTAELLA, 2019, 76). Nesse sentido, para haver a pós-verdade é necessário que exista ou tenha existido a verdade fatural, que é secundarizada pela emissão desenfreada da mentira. Assim, a mentira se encontra entre a verdade e a pós-verdade. E neste sentido, também, de acordo com Santaella (2019), a pós-verdade não é algo novo, apenas está em plena evidência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As razões que levaram à elaboração deste artigo giraram em torno da inquietação em debater como o contexto de pós-verdade fortalece a propagação de informações falsas e as torna fenômeno comum no convívio entre pessoas. Para o alcance de tal tarefa, foi feita uma pesquisa bibliográfica.

No primeiro tópico de desenvolvimento, item 2, buscou-se refletir sobre como a verdade é essencial para o convívio humano, pois a sua relativização leva ao enfraquecimento das relações interpessoais. Assim, a noção de verdade é indispensável para o fortalecimento dos laços humanos.

Em seguida, tentou-se entender como a disseminação desenfreada de informações falsas leva à secundarização da verdade. Assim sendo, a desinformação é uma grave ameaça à sociedade, pois põe em risco a estabilidade social. Por conseguinte, a mentira e a desonestidade destroem reputações e podem levar à destruição de Estados democráticos.

Já no terceiro tópico de desenvolvimento, item 4, debateu-se sobre a era da pós-verdade como um período de tensões e incertezas. No contexto de pós-verdade, as coisas mais absurdas podem ser possíveis, pois o que importa não é a verdade fatural ou científica, mas as crenças e opiniões. Assim, o mais importante não é o que realmente aconteceu, mas a causa defendida. Desse modo, mentiras tendem a se propagar como “verdades”.

É necessário não esquecer que o sujeito jamais deve ter vergonha de ser honesto, de disseminar informações verdadeiras sem a intenção de prejudicar alguém ou algo. A vida em sociedade requer a presença do outro. Não há como viver em uma sociedade ético-política sem depender de outras pessoas. As peças de vestuário, os alimentos, o entretenimento, a prestação de serviços, enfim, praticamente tudo que o indivíduo humano consome depende de outras pessoas. O único jeito de não depender mais de ninguém, só de si mesmo, é vivendo de maneira isolada, sem a presença de outrem. Por essas e outras razões é necessário respeitar o próximo, estreitar os laços de amizade e fraternidade, fortalecer os direitos humanos e contribuir de maneira positiva para a harmonia e paz social. O bem-estar social depende das ações e atitudes de cada cidadão, depende das relações criadas e fortalecidas ao longo tempo.

A verdade é um bem que as pessoas jamais devem abrir mão. Mas para que a verdade seja fortalecida é necessário que os indivíduos humanos se unam. O quanto mais perto as pessoas ficam umas das outras, mais os laços humanos se fortalecem. Mais importante do que as palavras bonitas são as atitudes e ações em prol do bem comum. Só a união entre as pessoas (e isso inclui o Estado que não é algo separado da existência das pessoas) que primam pela verdade livrará o mundo da pós-verdade. Se a imensa maioria das pessoas rejeitar o falso e priorizar o verdadeiro, a minoria maldosa e desonesta sucumbirá no tempo.

REFERÊNCIAS

ARENDET, Hannah. Verdade e política. In: **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016. pp. 282-325.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino; ALEXANDRE, Tânia Becker. **Checagem jornalística em tempos de pós-verdade**. Interim, v. 23, jul-dez, 2018, pp. 137-153.

CARNIELLI, Walter Alexandre; EPSTEIN, Richard L. Como se defender de *fake news*, golpes e factoides por meio do pensamento crítico. In. **Pensamento crítico: o poder da lógica e da argumentação**. 4. ed. São Paulo: Rideel, 2019. p. 325-345.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Trad. Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. pp. 7-37.

HESSEN, Johannes. O critério da verdade. In: **Teoria do Conhecimento**. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 119-129.

KEYES, Ralph. **A era da pós-verdade**: desonestidade e enganação na vida contemporânea. Trad. Fábio Creder: Petrópolis: Vozes, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Burgueses e proletários. In: **Manifesto Comunista**. Trad. Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 40-51.

PLATÃO. Livro XII. In: **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. p. 225-256.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, Márcio Carneiro dos. **Fake news** – A pandemia sem vacinas. Medium, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://mcsufma.medium.com/fake-news-a-pandemia-sem-vacina-a4122105c9fd>. Acesso em: 31 mai. 2023.

TIBURI, Márcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, Christian *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. pp. 87-113.